

UM CORPO NA FOTOGRAFIA DO JORNAL

HASHIGUTI, Simone T.
Universidade Federal de Uberlândia
(simonehashiguti@yahoo.com)

O corpo é o suporte biofisiológico que possibilita a existência orgânica do sujeito e é também, numa leitura discursiva, a espessura material cujas especificidades o definem como humano, a espessura que, significada no discurso, pode determinar lugares de fala, posições discursivas. Há espaços e maneiras de o corpo significar. Neste trabalho, discute-se sua significação na imagem fotográfica e pelo sentido de violência. Analisa-se uma foto publicada em jornal impresso, no Estado de São Paulo, cujas legendas anunciavam resultados de um confronto entre favelas no Rio de Janeiro e reflete-se sobre a foto e sobre o corpo, ambos funcionando como linguagem significando no/pelo discurso. Discutem-se, dentre outros aspectos, os que se referem (1) às especificidades do corpo na imagem impressa, (2) à foto, ela mesma como materialidade no discurso, (3) ao encontro do corpo com a fotografia em uma só materialidade que funciona ao nível do opticamente interpretável, (4) às especificidades do corpo significado pela violência.

A fotografia tem sido elemento constante no registro das guerras e confrontos. Desde que a câmera fotográfica foi inventada, a relação notícia-documentação desses eventos foi deslocada. Publicada em jornais, revistas, em exposições, ao lado de textos verbais que a explicam ou ao lado de outras fotos com as quais se inter-relaciona, a fotografia tem tido o sentido positivista de prova, de objeto que capta uma fração de segundo de um acontecimento e que materializa o próprio ato do fotógrafo de testemunhar um fato na história. Em “Diante da dor dos outros”, Susan Sontag (2003) pondera que, ao contrário de um relato escrito, que pode ser mais ou menos complexo por seu vocabulário ou referências, por exemplo, sendo mais ou menos acessível ao leitor, a foto só tem uma língua que se destina a todos. Segundo a autora, a foto congela um momento, enfatiza-o e documenta-o de forma diferente de outros tipos de imagens. Para ela e para outros autores, as imagens falam por si mesmas, e, no caso de documentar a violência, a fotografia pode ferir mais fundo aquele que a olha porque, diferentemente de imagens em movimento, ela recorta um momento e o torna estático, único, exigindo do expectador que ele o veja, que sofra os efeitos do próprio recorte.

Discursivamente, e como pensada neste trabalho, a foto é uma unidade óptica à espera de interpretação. Não é algo que fala por si mesmo, no sentido de conter um conteúdo a ser resgatado, mas uma materialidade simbólica cujas especificidades demandam o gesto de interpretação ao nível do opticamente acessível e do historicamente possível, isto é, uma foto é uma materialidade produzida, disponibilizada e interpretada a partir de determinadas condições de produção e na relação com a história: aquele que olha uma foto o faz porque tem condições empíricas (capacidade de visão, presença de luz, presença da imagem, de cores etc.) e condições históricas e de linguagem, e porque a interpreta já de uma posição discursiva e não de outra, já afetado

por memórias de representação, pelos saberes que o constituem. O horror, o desconforto, a surpresa, o desdém são todos sentidos possíveis no encontro do expectador com a foto que registra a violência. A foto não documenta, no sentido positivista do documento, tal qual discutido por Le Goff (1996), como comprovação de fatos, como elemento de construção de uma memória coletiva que seria livre das determinações das políticas institucionais, das organizações a partir de relações de poder marcadas na história, e nem tem uma língua só, no sentido de Sontag (idem), que teria sempre o mesmo sentido para qualquer que fosse o sujeito. Discursivamente, ela seria uma só língua no sentido de ser um objeto simbólico que funciona por sua visibilidade, no que isso seja possível ao expectador ou não. Se descrita com palavras, essa visibilidade é já outro texto, possivelmente parafrástico, possivelmente polissêmico, já outro texto para interpretação. Há diferença de sentidos quando a fotografia é verbalizada, ou quando é posicionada em meio a outras imagens, a outros elementos essencialmente visuais, quando é vista num período e lugar em que há maior ou menor circulação de imagens. O que torna a fotografia única é a sua própria materialidade e a forma de apreensão por parte do sujeito.

Já no que se refere à violência, ao registrar em imagem as formas de infligir a dor ou a morte aos corpos, aquilo que um corpo é capaz de fazer o outro corpo para marcar uma guerra, um confronto, a fotografia é um dos materiais que possibilita discutir o corpo como espessura significante, como o significante último (ou primeiro) do sentido de humano. Aponta-se que, assim como há diferentes modalidades de apreensão do corpo (tato, visão etc) e sentidos mais ou menos cristalizados sobre o que se considera um corpo humano, sobre lugares e formas historicamente possíveis para ele, há também diferentes efeitos de sentido para a violência e para a fotografia que a registra.